

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

A POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DA ICONOGRAFIA PICTÓRICA (PINTURA COMO FONTE) COMO RECURSO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E SUA REPRESENTAÇÃO A PARTIR DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA.

Jucilmara Luiza Loos Vieira*

Prof^a Dr^a Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt**

RESUMO: Este trabalho constitui uma investigação realizada no âmbito do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, tendo como referência o campo da Educação Histórica, uma área específica do Ensino de História. A proposta foi analisar as possibilidades do uso da iconografia pictórica nas aulas de História, levando em consideração a apreensão dessas fontes como processos oriundos das dimensões cognitivas e estéticas da cultura histórica. Esses pressupostos indicam que a aprendizagem histórica a partir dessas fontes está relacionada com a formação da consciência histórica de professores e alunos e, portanto, com a narrativa histórica como princípio metodológico do ensino e aprendizagem da História. (Rüsen, 2012)

Palavras-chave: Educação Histórica. Iconografia Pictórica. Fonte Histórica. Narrativa histórica. Manuais didáticos.

ABSTRACT: This paper is an investigation under the Educational Development Program - PDE, with reference to the field of history education, a specific area of the Teaching of History. The proposal was to analyze the possibilities of the use of pictorial iconography in history classes, taking into account the apprehension of these sources as processes arising from the cognitive and aesthetic dimensions of historical culture. These assumptions indicate that historical learning from these sources is related to the formation of historical consciousness of teachers and students and, therefore, the historical narrative as a methodological principle of the teaching and learning of history. (Rüsen, 2012)

*Formada em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia pela UFPR. Professora Especialista em História e Filosofia da Ciência pelo IBPEX. Especialista em Psicopedagogia pelo IBPEX e Professora PDE da Rede Estadual de Educação do Paraná-SEED.

** Doutora em História, com pós-doutoramento em Didática da História pela Universidade Nova de Lisboa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica/UFPR.

INTRODUÇÃO

O presente artigo vem demonstrar os resultados de um trabalho de pesquisa, realizado no âmbito do Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE, tendo como referência o campo da Educação Histórica, uma área específica do ensino de História. Essa área, por meio de pesquisas desenvolvidas, principalmente, pelo Laboratório de Pesquisas em Educação Histórica- LAPEDUH -UFPR, tem contribuído para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, visando encontrar possíveis soluções para as lacunas epistemológicas da cognição histórica.

Nesta perspectiva, o presente trabalho, realizado no período de dois anos, objetivou analisar a possibilidade de uso da iconografia pictórica como fonte nas aulas de História, levando em consideração a apreensão destas fontes como processos oriundos das dimensões cognitivas e estéticas da cultura histórica. Estes pressupostos indicam que a aprendizagem histórica a partir destas fontes pode estar relacionada com a formação da consciência histórica de professores e alunos e, portanto, com a narrativa histórica como princípio metodológico do ensino e aprendizagem da História (Rüsen, 2012).

Nessa direção, ressalto que o estudo da iconografia como fonte é de grande relevância no sentido que a pintura histórica constitui elemento da cultura histórica em uma sociedade, uma vez que ela estetiza o passado, isto é, nos força a olhar o passado de maneira histórica, a partir de uma linguagem estética. A pintura histórica tem seu valor para a Educação Histórica porque a utilização de quadros históricos no ensino de história tem canonizado a forma que as pessoas representam o passado. Considerando que as pinturas históricas são determinadas representações do passado, o seu estudo torna-se importante para compreender quais os processos mentais que são utilizados para o estabelecimento das relações entre as representações do imaginário e o real, do passado e do presente e as diacronias.

Assim, gostaria de justificar que a escolha deste tema de pesquisa se deu pelo fato de como professora, ao longo da carreira do magistério, ter sentido dificuldades em trabalhar a pintura como fonte e também pela observação de como os manuais didáticos exploram este recurso como meio de investigação histórica.

1- CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

No que se trata do uso de imagens e pinturas dentro da história e sua didática, percebi ao longo dos anos de prática como professora, que nos manuais didáticos, as pinturas vêm sendo mostradas apenas como ilustração, o que direciona o trabalho dos professores a uma desvalorização ou descrédito a este recurso para a sua utilização como fonte histórica. Alguns manuais até trazem iconografias pictóricas com sugestões de exercícios, porém as imagens terminam sendo utilizadas de forma canônica, isto é, certas imagens passaram a ser constantes e sacralizadas, como se retratassem exatamente a realidade, desmerecendo qualquer estudo contrário ou refutação. Isso fez com que muitos professores até esqueçam que estas imagens pictóricas possam ser fontes preciosas de construção de interpretações e por este motivo achei relevante este estudo que permite um novo olhar para estas representações. Com base nisto coloquei então uma problemática para a minha pesquisa: como o professor pode utilizar a pintura como fonte e forma de narrar o passado esteticamente, transformando esta interpretação numa aprendizagem crítica que leve o aluno a compreender a maneira pela qual a sociedade num determinado momento histórico se revela? Em outras palavras, como a iconografia pictórica, a arte, pode ser elemento da formação da consciência histórica? Para responder a esta questão, de início acabei estabelecendo duas possibilidades de trabalho, uma a partir da interpretação e análise da obra de Pedro Américo: O Grito do Ipiranga e a outra pela obra Guernica de Pablo Picasso. Acabei optando pelo quadro de Pedro Américo em função deste ser o marco da história da representação do ideário de nação brasileira. Obra esta que todos conhecem e que as coleções de manuais didáticos em geral fazem menção. Feita esta opção, o trabalho se estabeleceu pela análise dos manuais didáticos, aplicação da obra com alunos e professores e sistematização de uma metodologia de trabalho que culminou numa Unidade Temática Investigativa, baseada nos moldes de trabalho de Lindamir Zeglin e na proposta de aula Oficina de Isabel Barca.

A Unidade Temática Investigativa transformou-se na proposta de intervenção pedagógica que foi aplicada a alunos e professores de um colégio da região metropolitana de Curitiba e a professores de várias regiões do PR, através do Grupo de Trabalho em Rede- capacitação para professores, onde estes profissionais desenvolveram e aplicaram a proposta com seus alunos, disseminando o trabalho com fontes pictóricas. Esta proposta com fontes pictóricas culminou com a produção de várias formas de narrativas desafiando o professor e o aluno a buscar uma natureza mais interpretativa e sugerindo expectativas de orientação na relação presente-passado e multiperspetivando assim o futuro.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

As reflexões desenvolvidas acerca da pintura histórica imediatamente nos remetem a uma representação de algo que está inserido numa cultura histórica. Nesse sentido, a pintura é um elemento rememorativo, ou seja, conduz sempre à uma memória. Quando idealizei abordar este tema e trabalhar as memórias de uma cultura histórica, três questões básicas surgiram para serem respondidas: Que relação poder-se-ia estabelecer entre a pintura histórica e a cultura histórica? A iconografia pictórica pode ser elemento representativo de uma narrativa do passado? Como a pintura histórica pode ser recurso de problematização e ao mesmo tempo de possibilidade de interpretação do mundo e de autoconhecimento?

As respostas vieram a partir de alguns autores dos quais Jörn Rüsen, Peter Burke, Jaques Le Goff, Mauad, Schmidt e Barca, que trouxeram luz aos questionamentos abordados. Conforme Le Goff, por pintura histórica pode-se entender o registro, em forma de representação, de uma determinada sociedade em determinado período, resumindo acontecimentos relacionados a um fato ou momento revelado. A pintura é uma imagem, logo não representa o real, é uma vestimenta capaz de direcionar a construção e análise, um recurso de construção histórica–documento/monumento.(GOFF,2003). Nessa perspectiva, a iconografia pictórica transmite mensagens que vão além da imagem ali exposta, uma vez que

está recheada de valores simbólicos e sintomalogias culturais, reproduzindo as perspectivas temporais e as formas de poderes subjacentes ao período representado, cabendo à História o desvelamento das dimensões ali expressas. Mas, se a iconografia pictórica pode narrar esteticamente o passado, ela consegue também executar a função de resgate da memória e a compreensão da visão de um determinado período, conforme afirma Peter Burke: “A tarefa do historiador é recuperar a visão de período, a maneira de ver culturalmente específica, peculiar”. (BURKE, 1992, p.260). Sendo assim, a iconografia pictórica conduz a memória, que por sua vez relaciona-se com a cultura histórica.

De acordo com Rüsen, a cultura pode ser entendida como a relação ativa e passiva do homem com seu mundo e consigo mesmo, na qual o mundo e ele mesmo devem ser interpretados a fim de que se possa viver com e no mundo. Para esse autor: “Cultura es entonces esta parte de la relación activa y passiva del hombre con su mundo y consigo mismo, en la que el mundo y él mismo tienen que ser interpretados para poder vivir con y en el mundo”. (RÜSEN, 1994,p.5). E, se a cultura pode ser entendida neste âmbito, a cultura histórica vai ainda mais além, sendo parte da percepção, interpretação, orientação ou finalidade de acordo com o tempo a que se refere e é determinante na vida: “La cultura histórica sería así esa esfera o parte de la percepción, de la interpretación, de la orientación y del establecimiento de una finalidad, que toma el tiempo como factor determinante de la vida humana”(RÜSEN,1994,p.6).

Desta forma, a pintura histórica relaciona-se à cultura histórica no sentido de ser a arte o elemento da cultura histórica, uma vez que na cultura histórica se dá a memória histórica que é exercida pela consciência histórica, que por sua vez é a mistura entre a interpretação do passado, a compreensão do presente e a perspectiva do futuro. Assim, conforme Rüsen, as imagens e símbolos acendem a atividade memorativa da consciência histórica, elas não são a história, mas a representam. Neste sentido, a iconografia pictórica pode ser um elemento de narrativa do passado porque consegue, por meio da estética, conduzir a uma memória de interpretação do acontecimento ou fato representado, ou seja, ao mobilizar uma lembrança de uma determinada época, é possível retornar ao passado tornando-o presente e a narrativa constitui, neste momento, a permanência de tornar presente o passado e mediar a expectativa futura. Poder-se-ia dizer que a

memória histórica seria o fio condutor que levaria o sujeito à sua identidade e realidade, de acordo com seu tempo, e a iconografia pictórica serviria para este transportar até a consciência histórica. Porém, é necessário lembrar que a imagem contida na representação pictórica é um recurso para se chegar à interpretação de um momento histórico, ela não é o real, todavia “serve para desconstrução de ideias, mentalidades, ideologias e identidades e podem testemunhar aquilo que não pode ser colocado em palavras” (BURKE, 2004,p.38).

Neste sentido, o trabalho de Ana Maria Mauad (1996), também contribui para que sejam realizadas problematizações em torno da imagem, como afirma: “A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas”. É preciso que haja discussões em torno das diferentes visões de mundo e das diferenças sociais existentes nas temporalidades. Seria o mesmo que aferir à imagem pictórica o sentido de representar o passado, transportando-o ao tempo presente e constituindo-se, assim, elemento de mutação. Nesse sentido, é necessário que as imagens pictóricas sejam utilizadas em âmbito investigativo, ou seja, trata-se de aferir à pintura a condição de problematização e contextualização.

A imagem pictórica tem que revelar algo que possa estar relacionada ao cotidiano e não apenas representar um passado estagnado. Estas imagens, devem trazer nas aulas de história as ideias de segunda ordem, como afirma Schmidt (2009, p.11)

Ideias de segunda ordem em história entendem-se os conceitos em torno da natureza da história como(explicação, objetividade, evidência, narrativa) subjacentes à interpretação de conceitos substantivos tais como ditadura, revolução, democracia, Idade Média ou Renascimento).

Neste sentido, ao se trabalhar os conceitos substantivos utilizando-se do recurso da iconografia pictórica, para buscar uma interpretação e contextualização acerca do fato histórico, as imagens possibilitarão trabalhar as ideias de segunda ordem, principalmente nas narrativas históricas, visando alcançar com isto a consciência histórica como objetiva Rüsen. Esse autor propõe que

a narrativa é a face material da consciência histórica, pois é pela sua análise que ganha-se acesso ao modo de como o autor concebe o passado e utiliza as suas fontes, bem como o tipo de significância e sentidos de mudança que atribui à história (Rüsen,2010.p12).

Nesta mesma linha de pensamento, Bodo von Borries*, propõe que sejam realizadas orientações para as narrativas e, no que diz respeito a iconografia pictórica, acrescenta que a pintura traz um confronto de interpretações, o que contribui para o trabalho com a construção das narrativas. Desta forma, torna-se essencial mostrar e questionar as imagens que aparecem de forma canônica nos manuais, como Saliba também já constatou em seus estudos, mostrando que é essencial desmistificar a representação das imagens contidas nos livros.

Para finalizar, os trabalhos de Schmidt e Barca em torno das narrativas, proporcionam elementos fundamentais, tanto para a pesquisa, quanto para a aplicação deste trabalho sobre a iconografia pictórica aos jovens estudantes do Ensino médio e aos professores. Destarte, no que concerne a um trabalho de investigação da fonte histórica (pintura), a finalidade é construir o pensamento histórico de forma mais aprofundada, crítica e significativa, oferecendo com isto, condições de que aluno e professor tornem-se sujeitos do processo histórico.

3- METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa na área da Educação Histórica, baseada em estudos exploratórios de casos empíricos, com a finalidade de obtenção de instrumentos e materiais para análises que fundamentem os estudos realizados na perspectiva da Educação Histórica. Para isto utilizei como técnica de investigação:

3.1- Oficina com professores de História do ensino Médio de um colégio na região metropolitana de Curitiba.

3.2- Análise de fonte pictórica: O Grito do Ipiranga de Pedro Américo, com professores e alunos com produção de narrativas.

3.3- Análise e categorização de narrativas de alunos e professores.

3.4- contextualização do livro didático “História em Movimento” e avaliação do PNLD.

3.5- Construção de uma nova metodologia para uso da iconografia pictórica (Unidade Temática Investigativa).

3.6- Aplicação da Produção Didática- Unidade Temática Investigativa- ao Grupo de Trabalho em rede GTR.

3.7- Aplicação do Trabalho de Intervenção Pedagógica- Unidade didática, em um colégio da região metropolitana de Curitiba.

Procedeu-se num primeiro momento um estudo de bibliografia acerca de Iconografia Pictórica e uma oficina realizada com professores de História de um colégio na região metropolitana de Curitiba. Nesta oficina os professores tiveram contato com a linha de pesquisa da Educação Histórica por meio de textos que foram lidos e debatidos, em especial dos autores Rüsen e Schmidt. A proposta de estudo foi firmada nos fundamentos da pesquisa e investigação ligada à cognição histórica, onde os professores desta escola se conscientizaram da importância do trabalho com uso de fontes e documentos, considerando a compreensão dos sujeitos escolares no contexto do ensino de História. Na sequência, o trabalho empírico foi realizado com a aplicação e análise da fonte pictórica: O Grito do Ipiranga de Pedro Américo, a professores e alunos, culminando na produção de narrativas. As categorias utilizadas para a análise destas narrativas foram: causalidade, continuidade, mudanças, conceitos temporais, significância simbólica, empática e intersubjetiva e as tipologias de Rüsen (tradicional, exemplar, crítica e genética).

Como sequência deste trabalho, o segundo passo foi realizar uma análise e contextualização do livro didático “História em Movimento” dos autores Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, da Editora Ática. Primeiramente optei por avaliar o guia do PNLD-2012 e depois realizei uma análise de cada volume da coleção do manual didático já citado. A partir daí fiz algumas considerações.

De acordo com o guia do PNLD- 2012, a coleção propõe uma história integrada e cronológica, com vistas ao estudo do espaço global, nacional e local, associando-a com o contexto atual. Prevê que sejam trabalhados história da África, indígenas e sociedades do extremo oriente, relacionando o cotidiano, o particular e o geral. A proposta da coleção é apresentar estratégias pedagógicas que estimulem

as relações presente/passado e direcionem o aluno a perceber a história como um processo de construção, priorizando a pluralidade cultural e as diferenças. Nesse sentido, os autores da coleção afirmam que os textos privilegiam os conhecimentos prévios dos alunos e sintetizam reflexões sobre o presente a partir de incentivo à leitura de documentos. Há, em cada capítulo, um texto de abertura associado a um acontecimento atual, o texto principal e informações históricas básicas adaptadas ou extraídas de fontes diversas. Quanto às imagens, a coleção apresenta a seção “Olho Vivo”, que mostra os seus significados em relação ao contexto histórico estudado e algumas atividades propostas. A avaliação do PNLD sugere, ainda, que o manual do professor conta com recomendações gerais de como trabalhar as imagens e explorar conhecimento prévio dos alunos. Neste sentido, segundo o PNLD, a coleção foi avaliada como uma das melhores em vários aspectos em relação às outras. Mas, no que diz respeito ao uso cotidiano das coleções na escola, observou-se por meio de um estudo de cada volume, algumas questões que devem ser avaliadas no que diz respeito a iconografia pictórica e sua abordagem nos manuais.

Primeiramente, foram identificadas aproximadamente 105 representações de pintura em três volumes dos manuais. Destas, foram identificadas 91 como ilustração e as outras 14 referenciadas como fontes. Em se tratando das 14 iconografias pictóricas utilizadas como fontes, pode-se apontar nos livros sugestões de atividades, como: comparação entre fonte pictórica e escultura,(p.9 do volume 1). Comparação entre a pintura como fonte e a gravura encaminhando para que o aluno monte uma síntese sobre o significado das duas imagens. Sendo as duas imagens sobre o mesmo tema, os autores não questionam se elas apontam interpretações diferentes, e também, não pedem que os alunos façam interpretações, (p.231 do volume 1). Análise da obra com aspectos que compõem a cena e a relação de um texto com a pintura, mostrando pela iconografia o que confirma ou desmente a afirmação,(p.293 do volume 1).

Também é possível verificar: Descrição e identificação das ações e objetos pintados na cena,(p.34 do volume 2). Identificação da imagem e relação do documento escrito com a pintura,(p.56 do volume 2). Observação e escrita de texto sobre o conteúdo (p.57 do volume 2). Análise e identificação de aspectos que revelam o que o pintor ressaltou de características (p.115 do livro 2). Apontamento

dos principais aspectos da pintura que valorizam a figura do personagem na história (p.125 do volume 2). Descrição, interpretação e explicação, que revelam o caráter documental e o levantamento de hipóteses.(p.131 do volume 2).

Foram elencados também: Comparação entre duas pinturas (porém o autor já encaminha previamente a resposta de acordo com a sua interpretação),(p.235 e 241 do volume 2). Explicação do que o pintor quis significar ou representar na obra.(p.269 do volume 2). Comparação, observação e afirmação sobre o que o artista expressou ou desejava expor na obra.(p 280 do volume 2). Observação e explicação sobre o papel da organização espacial de um elemento representado na pintura.(p.64 e 65 do volume 3). Observação, descrição, semelhanças e diferenças estéticas nas duas obras apontadas,(p.106 e 107 do volume 3).

Após este processo construí uma nova metodologia para o uso da iconografia pictórica que acabou se transformando em uma Unidade temática investigativa, na qual me baseei na aula oficina de Isabel Barca e na proposta de Lindamir Zeglin. Nesta perspectiva este recurso serve como sugestão para qualquer conteúdo que estejam desenvolvendo e que se possa utilizar a pintura como fonte para a contextualização do conceito substantivo a ser trabalhado. Como intervenção pedagógica a produção didática foi aplicada com 12 professores de várias regiões do Paraná através do GTR, sendo o primeiro contato a partir da apresentação da proposta a estes professores e leitura de material de estudo. Os participantes foram direcionados a leituras de Rüsen, Schmidt, Barca e Garcia. Os textos foram explorados buscando divulgar a linha de pesquisa da Educação Histórica e a busca de elementos para a compreensão da consciência histórica, sendo esta uma operação mental na qual é possível estabelecer relações do passado por meio de interpretação, do presente como meio de compreensão e perspectivas de futuro a partir de expectativas. Os módulos apresentados na plataforma moodle contam com o fórum e diário, no qual enquanto tutora do curso lancei questões que levaram os participantes a leitura, análise, contextualização e argumentação. A princípio os cursistas deveriam ler o projeto PDE, opinar e responder as questões. Na sequência deveriam ler a produção didático-pedagógica, opinar e responder as questões nos fóruns e diários. Para finalizar os professores deveriam aplicar a Unidade Temática Investigativa-Produção Didático-Pedagógica junto às suas turmas e escolher um conteúdo adequando à proposta apresentada, sugerindo uma atividade e

descrevendo os resultados da aplicação. Neste mesmo tempo na escola em que leciono, foi realizado o trabalho de Intervenção Pedagógica junto às turmas do Ensino Médio e com os demais professores de História deste estabelecimento de ensino.

4- RESULTADOS:

Em se tratando dos resultados do trabalho realizado neste período de dois anos, é possível constatar que:

Na primeira pesquisa qualitativa que foi aplicada a 3 professores de História e 89 alunos do Ensino Médio, sobre a análise e interpretação da obra pictórica “O grito do Ipiranga” e produção de narrativas; ao qual o objetivo estava em buscar indicadores que visualizassem nas narrativas elementos de relação presente-passado, diferenças e semelhanças, movimento de permanências, mudança e continuidade e uso de conceitos substantivos pode-se afirmar que:

- 66 alunos escrevem utilizando o conceito substantivo independência, 89 alunos compreendem que a obra foi criada com a intenção de representar um fato histórico, 10 alunos citam a Proclamação da República ao invés de relacionar a Proclamação da Independência e todos compreendem a obra apenas como representação do fato.

Em se tratando das categorias de análise: causalidade, continuidade, mudança e conceitos temporais, todos os alunos e professores colocam estes indicadores em suas narrativas e quanto a significância dos elementos contidos na obra, professores e alunos interpretam os símbolos da obra, possuem empatia pelos mesmos aspectos como por exemplo, a questão da elite social e apresentam significância intersubjetiva.

Em relação a tipologia das narrativas de alunos e professores, segundo Rüsen 1992; pode-se observar que estas estão classificadas segundo o modelo tradicional e exemplar. De acordo com o modelo tradicional, os jovens e professores citam em suas narrativas: Origem e modelos culturais, afirmação de ordens preestabelecidas, relação com os valores morais, consenso sobre questões morais.

No que diz respeito à consciência histórica exemplar, em suas narrativas aparecem: Relações de situações particulares na relação passado e futuro, relações de conceitos próprios e as relações morais são concebidas por meio de valores morais.

Desta forma, pode-se colocar os seguintes resultados: Foram pesquisados 89 alunos e 3 professores, sendo que 74 alunos realizaram suas narrativas na lógica tradicional, estes descrevem a cena compreendendo o processo de independência como um marco histórico que define a civilização brasileira. Orientam-se que o fato conduz à definição de identidade do Brasil como país. Apontam a obra como relato e retrato vivo do Brasil. Narram os acontecimentos da cena sem preocupação em investigar o processo histórico.

No modelo de lógica exemplar, apenas 15 alunos demonstraram elementos desta forma de tipologia em suas narrativas: comparam o Brasil às vésperas da independência com fatos atuais às vésperas de eleições e fazem relações presente/passado. Observam o fato histórico como memória e pontuam questionamentos relacionados à política, corruptos, leis, igualdade social, disputa de poder, luta do povo, conquistas, discriminação, emancipação.

Com relação aos professores, 2 deles fundamentam-se na lógica exemplar e um professor escreve sua narrativa na lógica tradicional. De modo geral, o que se conclui nas narrativas de alunos é que os jovens estudantes possuem um nível simples de linguagem e descrevem a cena baseados em Pedro Américo e como inspirou-se para realizar o quadro. Também é possível mostrar que descrevem os personagens da obra e a cena exposta e não há aprofundamento maior no conteúdo sobre a Independência do Brasil, sendo que os motivos e consequências da independência são pouco mencionados nas narrativas e não se observam de modo geral nos textos a ideia de investigação. No entanto os conceitos substantivos e de segunda ordem encontram-se implícitos nas narrativas.

Quanto a análise documental do manual didático, é possível evidenciar que as pinturas aparecem nos volumes em um número até razoável. Isso sugere que seriam oferecidas boas propostas de trabalho com os alunos. Porém, o que se percebe é que nestes manuais, das atividades propostas no final de cada unidade, apenas três imagens pictóricas foram organizadas para serem contextualizadas no 1º volume, 8 imagens no 2º volume e 3 imagens no terceiro volume, ficando as

demais obras pictóricas referenciadas apenas como ilustrações; cabendo ao professor a sua utilização ou não. Não houve uma preocupação dos autores para que fossem construídas mais alternativas de atividades de uso deste material .

A respeito do manual do professor contido nos três volumes, este trabalha de forma muito superficial com as imagens pictóricas, não orientando o professor em como explorar as outras pinturas existentes no livro. Apenas repete exemplos já citados nas atividades para o aluno. As pinturas utilizadas nos livros desta coleção aparecem de forma canônica, conforme análise já realizada por Elias Thomé Saliba (1999). Segundo esse autor, é de grande importância o trabalho do professor no sentido de desmistificar as imagens canônicas

que nos são impostas coercitivamente, daí também serem chamadas imagens coercivas. Ícones canônicos seriam aquelas imagens-padrão ligadas a conceitos-chaves de nossa vida social e intelectual. Tais imagens constituem pontos de referência inconscientes, sendo, portanto, decisivas em seus efeitos subliminares de identificação coletiva. São imagens de tal forma incorporadas em nosso imaginário coletivo, que as identificamos rapidamente. (1999, p.437).

Sendo a iconografia pictórica uma representação ficcional do real, o livro teria como fundamento explorar estas imagens(pintura como fonte), para mostrar que elas são apenas representações de algo, tentando aguçar no aluno a construção de narrativas que tivessem um real significado para ele, quando ele se deparar com as imagens ali expressas. No entanto, os autores dos manuais analisados não conseguem ainda propor atividades potencializadoras de aprendizagens especificamente históricas, como aquelas que propiciem atribuições de significados entre passado/presente/futuro, pelos alunos. O que se observou é que os autores trabalham mais com a ideia do que o artista quis expressar na obra e não o que o aluno conseguiu elaborar em seu pensamento, ao construir uma ideia a partir do que o passado foi ao ser representado na imagem pictórica, construindo relações de significância histórica com o seu presente.

É necessário que as atividades propostas levem os alunos a lerem a fonte pictórica e não que esta já esteja com todos os seus elementos apontados, sendo que nestes manuais não foram propostas atividades ou construções de narrativas a partir da experiência do aluno por meio da pintura como fonte. Outra questão a ser observada, é que as imagens pictóricas aparecem nestes livros, quase sempre

como elementos que apresentam uma pré-organização e orientação e nunca de uma contraposição, discussão, refutação e possibilidades de construção de argumentações. As imagens pictóricas estão postas como um processo consolidado, não dando ao aluno condições de construção de hipóteses e controvérsias. As atividades propostas sobre as pinturas não oferecem meios dos alunos argumentarem e sim levam à reprodução de ideias já contidas em interpretações anteriores postas no livro.

Uma questão ainda relevante é que os autores não propõem comparações entre mais fontes pictóricas do mesmo período sob o mesmo episódio, sendo que também não é solicitado ao aluno a opinião acerca da representação da pintura; quando os autores fazem alusão à pintura como fonte, apenas associam uma imagem a outra, mas sem contextualização. Isso não contribui para a formação e desenvolvimento da consciência histórica dos alunos. Destarte, entende-se que a iconografia pictórica pode ser trabalhada nos manuais como fonte de confrontação e interpretação, instigando no aluno a capacidade de narração que é o objetivo que se pretende alcançar na relação passado/presente com vistas de futuro, formando assim uma consciência crítica.

No que concerne a construção de uma nova metodologia para o uso da iconografia pictórica, pode-se destacar que o material confeccionado teve por elemento base a pesquisa e investigação da iconografia como fonte, propiciando que o aluno durante as atividades tivesse condições de confrontar, analisar, interpretar e formular seus próprios conceitos, construindo assim uma consciência mais crítica e propiciando meios de narrar a história e produzir suas narrativas, fazendo-se parte da construção do processo histórico. Como Schmidt afirma (2000): “o ensino de História deve fazer com que o aluno se veja como partícipe do processo histórico”.

Quanto a aplicação da Produção Didática (Unidade Temática Investigativa) ao GTR- Grupo de Trabalho em Rede, é possível elencar que dos 15 professores inscritos, apenas 12 realizaram o curso do início ao fim. Sendo que as participações foram de excelente qualidade e 10 professores entenderam perfeitamente a proposta e conseguiram aplicar a Unidade Didática em suas turmas e pontuaram resultados de mudança de ensino e aprendizagem a partir deste trabalho. Durante

as etapas do processo relataram elogios e resultados positivos com o trabalho com iconografia pictórica, seguindo seus estudos com a Educação Histórica e o uso de documentos em sala de aula. Experiências maravilhosas foram descritas pelos professores participantes a partir da aplicação da Produção Didática e muitos relatos sobre a motivação que ocasionou nas salas de aulas juntos aos estudantes a nova proposta de estudo e ensino.

No que se refere a aplicação do Trabalho de Intervenção Pedagógica (Unidade Didática Investigativa), na escola em que leciono, os resultados foram muito satisfatórios. Inicialmente os professores passaram a estudar e conhecer o uso de documentos em sala, o que não era uma prática nas aulas de História deste estabelecimento. Passaram a compreender como a iconografia pictórica pode ser fonte de estudo e não apenas ilustração. Alguns professores adotaram a linha da Educação Histórica a partir deste trabalho e já houve uma modificação em suas aulas. Os alunos receberam a nova proposta com entusiasmo e os resultados passaram a vir na sequência.

Em se tratando da aplicação da Produção didática, os alunos sentiram-se muito motivados uma vez que o trabalho estava direcionado para a pesquisa e produção de narrativas. As narrativas ocorreram de várias formas, sendo trabalhados as iconografias pictóricas como fonte, a partir de confrontação, semelhanças, diferenças, refutação e em aulas que envolveram multimídia, informática, grupos, discussões em mesas redondas. Outras disciplinas como Inglês, português e filosofia, sentiram-se motivadas com o trabalho e assumiram o mesmo tema em suas aulas, formulando debates com os alunos e outras apresentações que propiciou um melhor rendimento em várias áreas do conhecimento. Nas aulas de História o fechamento deste trabalho ocorreu com a construção de novas leituras da fonte pictórica a partir da representação feita por meio de pintura em tela pelos alunos, com exposições de suas obras, culminando na produção final de narrativas escritas. O resultado foi evidenciado pelo colegiado como positivo e motivador.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho PDE de investigação e intervenção pedagógica junto aos jovens estudantes do Ensino Médio e Professores de História, trouxe perspectivas de uma ruptura com o tradicionalismo do ensino e aprendizagem de História, buscando um desligamento do único discurso e a canonização de ideias e imagens presentes em nossa memória. A partir da análise da iconografia pictórica e seu uso como fonte para investigações e pesquisas em torno da História, alunos e professores que puderam participar deste trabalho, passaram a narrar a História mais vinculada com a realidade e a sentir-se parte dela e não mero expectador, melhorando significativamente a qualidade das aulas e com certeza o processo de ensino-aprendizagem. Isto implica dizer que se torna essencial a necessidade de formação continuada aos professores para que possam ter acesso a estudos no PDE, nas pós graduações nas Universidades e em cursos de capacitação.

Enquanto professora de escola pública este trabalho propiciou o conhecimento do uso de documentos em sala de aula e da imagem pictórica como fonte. Trouxe importante significado para meu crescimento profissional, melhoria na qualidade das aulas, motivação em prosseguir meus estudos e incentivo para a pesquisa. A linha da Educação Histórica revoluciona a forma pensar e ensinar História e traz a condição de pesquisador tanto para o professor quanto para o aluno. O grande diferencial é construir uma consciência histórica a partir da pesquisa e experiência, não sendo este trabalho ainda concluído, haja visto que outras questões acerca da cognição histórica em torno da imagem surgiram no decorrer do mesmo, mas que serão tratadas num próximo momento.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gislane Campos. **História em movimento: ensino médio/** Gislane Campos Azevedo, Reinaldo Seriacopi.—São Paulo: Ática, 2010.Vol I,II,III.

BORRIES, von Bodo*. **V Seminário de Educação Histórica**, palestra proferida em 15/05/2012 ao LAPEDUH.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru,SP: Edusc, 2004.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. Sp: Unesp, 1992.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas, sp: Unicamp, 2003.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: **PNLD 2012: História**._Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2011,pp.71-75.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história da interfaces**. Rio de Janeiro: Tempo, 1996. 1 volume, nº 2, p.73-98.

RÜSEN, Jorn. **El desarrollo de La competencia narrativa em El aprendizaje histórica: una hipóteseis ontogenética relativa a La consciência moral: In Revista Propuesta Educativa**. Buenos Aires:FLACSO,n.7,Ano4,1992.

RÜSEN, Jörn. **Que es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia**. Tradução: F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. Original em: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H.T.; RÜSEN, J. (eds). Historische Faszination, GeschichtsKultur Heute. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, 1994, pp.3-26.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica. Fundamentos e Paradigmas**. Curitiba: W&A Editores, 2012.

SALIBA, Elias Thomé. **As imagens canônicas e o ensino de história**. In.Schmidt Maria Auxiliadora/ CAINELLI, Marlene Rosa (org.) III Encontro Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, pp.434-452.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estêvão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR,2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & BRAGA, Tânia Garcia. **Manuais Escolares e Significância histórica de jovens alunos sobre a América Latina**. Curitiba, 2012 .

SCHMIDT, M.A & CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história.** Campinas: Cad. Cedes, 2005.